

AS EMISSÕES DE JUBA II DA MAURITÂNIA COM A ICONOGRAFIA DA VITÓRIA

Luis Amela Valverde¹

Lluís Pons Pujol²

Resumo

O monarca Juba II (25 a.C - 23 d.C) emitiu várias séries de moedas com a iconografia da Vitória, sugerindo sua participação em algumas campanhas militares. Analisamos e estudamos estes tipos para propor hipóteses sobre o que foram esses conflitos.

Palavras-chave

Juba II; Reino da Mauritânia; emissão monetária; iconografia; vitória.

¹ Doutor – Universitat de Barcelona, Barcelona, Espanha. E-mail: amelavalverde@gmail.com.

² Professor doutor – Universitat de Barcelona, Barcelona, Espanha. E-mail: llpons@ub.edu.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 139-161.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15480

Resumen

El monarca Juba II (25 a.C- 23 d.C.) emitió diversas series de monedas con la iconografía de la Victoria, aludiendo a su participación en diversas campañas militares. Analizamos y estudiamos estos tipos para proponer hipótesis sobre cuales fueron estos conflictos.

Palabras clave

Juba II; Reino de Mauritania; emisiones monetales; iconografía; victoria.

Juba II foi rei da *Mauretania* entre os anos 25 a.C. e 23 d.C, e filho de Juba I, da Numídia, c.60-46 a.C. (Coltelloni-Trannoy, 1997: 34-36)³. O imperador romano Augusto (27 a.C. - 14 d.C.) o promoveu ao trono anos depois do falecimento do último monarca da dinastia mauritana (33 a.C.), pois hesitava entre transformar este reino em uma província romana ou em um protetorado (Dio Cass. 49, 43, 7; Coltelloni-Trannoy, 1997: 79-80; Amela, 2012; Bernard, 2018: 197-244). Juba II pode ser considerado como um dos *reges socii et amici populi romani*, ainda que, *de facto*, o reino da Mauritânia fosse parte do Império Romano (Bohn, 1902; Cimma, 1976), de modo que Juba não apenas recebeu os territórios mauritanos de Boco II e Bogud II (que incluíam parte da Numídia) como também uma parte da Getúlia (Dio Cass. 53, 26, 2)⁴, seguramente aquela denominada *Gaetulia mauretana* (Diosc. *De mat. med.* 2, 66; Plin. *NH* 21, 77; Desanges, 1997: 113; Camacho; Fuentes, 2000: 941; Lassère, 2015: 119; Ibba, 2012: 93). Casou-se, em primeiras núpcias, com Cleópatra Selene, filha de Marco Antônio (*cos. I* 44 a.C.) e da rainha egípcia Cleópatra VII (51-30 a.C.). Sua capital foi a cidade de Iol (Cherchell, prov. Tipasa, Argélia), renomeada *Caesarea* em honra de seu benfeitor (Falbe; Lindberg; Müller, 1862: 112; Mazard, 1955: 71; Pavis d'Escurac, 1982: 227; Maraini, 1999: 45; Camacho; Fuentes, 2000: 943; Coltelloni-Trannoy, 2003: 3929; Jallet-Huant, 2006: 89; Ibba, 2012: 43; Domínguez Monedero, 2017: 65).

³ Juba II recebeu a educação romana na casa de Otávia (Plu. *Ant.* 87. 1), a irmã de Augusto e primeira esposa de Marco Antônio, onde também residia Cleópatra Selene entre outros. Estes príncipes eram educados em Roma tanto para serem utilizados como reféns políticos quanto para estabelecer alianças futuras e instaurar novas monarquias aliadas. A formação de alianças dinásticas como forma de aliança política era de tradição helenística.

⁴ Estrabão se equivoca ao atribuir a Juba II os territórios de seu pai, Juba I, junto aos que haviam pertencido a Boco II e Bogud II (Str. 17, 3, 7). Cf. a excelente edição de Biffi, 1999. *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 139-161.

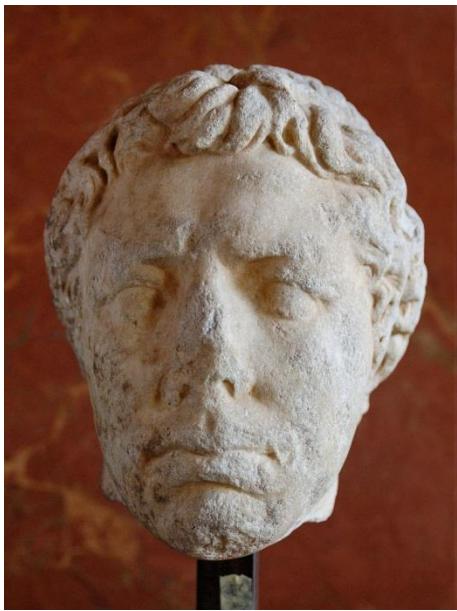


Figura 01: Retrato em mármore de Juba II localizado na atual Cherchell, Século I d.C. (Fonte: Wikipédia. Museu do Louvre).

Devido à instauração do protetorado romano, a função de Juba II foi reduzida a de um rei títere. Por isso, não pôde seguir com as guerras e conquistas (exteriores) de seus antecessores, dedicando-se, como consolo, às artes e às letras, sendo um destacado polígrafo (Ath. 3. 83 B. Avien. *Ora Mar.* 280. *FHG* (3), sv. «Juba mauritanus». Plin. *NH* 5. 16. Plut. *Caes.* 55; *Sert.* 9)⁵ que sabia latim, grego e (neo)púnico, apesar de muitas de suas obras terem sido perdidas (Falbe; Lindberg; Müller, 1862: 112; Mazard, 1955: 71; Sirago, 1996; Maraini, 1999: 48; Coltelloni-Trannoy, 2003: 3936; Meynier, 2010: 61; Lassère, 2015: 119).

⁵ Escreveu em grego, a língua de cultura daquele momento, muitas obras das quais conhecemos apenas as que o tempo nos legou: uma história dos assírios (composta por dois livros, ao menos), uma volumosa história da Líbia – leia-se: Norte da África –, uma obra (um livro) sobre o eufórbio, uma história da Arábia, uma história romana, com especial atenção às suas origens, uma obra (de pelo menos quinze livros) sobre os costumes gregos e romanos, pelo menos dois livros de gramática, uma história do teatro (de pelo menos dezessete livros), uma obra sobre pintura (constituída por, no mínimo, dois livros), uma obra sobre fisiologia e outra, provavelmente, sobre agricultura. Suas investigações a respeito das fontes do Rio Nilo fizeram-no pensar que estas poderiam estar ao sul de seu reino, tendo organizado uma expedição ao Rio Drá; Como consequência dessa viagem, talvez tenha sido realizada uma expedição às Ilhas Canárias.



Figura 02: Mapa da Getúlia de Juba II (Fonte: Wikipédia, baseado em J. Desanges). Localização das diferentes cidades de Getúlia, entre o reino de Juba II, da Mauritânia (cliente de Roma), e a província romana da África Proconsular, entre os séculos I a.C. e I d.C.

O longo reinado de Juba II, cuja duração foi de quase meio século, deu origem a uma amoedação abundante e, segundo o padrão ponderal romano, reduzida (Pavis d'Escurac, 1982: 227; Smadja, 1994: 372; Alexandropoulos, 2001: 217; Coltelloni-Trannoy, 2003: 3932) em ouro, prata e bronze (Alexandropoulos, 2001: 413; Spoerri-Butcher, 2015: 33), e em sua maioria datada de acordo com os anos de reinado do monarca: uma medida que só foi implantada de maneira definitiva no ano XXX (Mazard, 1955: 73), como um reflexo de sua peripécia pessoal e política, com um variado número de tipos, que J. Mazard, a partir das moedas de prata (denários), classificou em sete grupos, seguindo L. Müller (Mazard, 1955: 73): nacionais (África, elefante⁶, leão), religiosos (templos, altares, vasos sagrados, pele de leão, clava⁷), guerreiros (atributos de triunfo, Vitória, coroa), cesarianos (horóscopo de Augusto⁸, águia), egípcios (símbolos de Ísis, sistro, astro, crescente, ureu, crocodilo, hipopótamo, íbis, vaca

⁶ Coltelloni-Trannoy, 1990: 49-50.

⁷ Coltelloni-Trannoy, 1990: 46.

⁸ Coltelloni-Trannoy, 1990: 46-47.

sagrada, boi Ápis, etc.) e vários consagrados ao comércio, à cidade, etc. (Mazard, 1955: 73; Spoerri-Butcher, 2015: 35)⁹. O tesouro de *Banasa* (IGCH 2307), depositado por volta do ano 17/18 d.C. e encontrado em 1907 próximo à atual Sou-el Arbaa, a 120 km a noroeste de Rabat¹⁰, continha aproximadamente 4.000 moedas de prata de Juba II e 1 de bronze de *Lixus* e possibilitou um conhecimento mais amplo sobre as emissões de Juba II. Alguns exemplos de moedas de Juba II:



Figura 03: Denário de Juba II, com elefante no reverso, cunhado em Cesarei (MAA 75 = Mazard 135).



Figura 04: Denário de Juba II, com adereço de Ísis no reverso, cunhado em Cesareia (MAA 89 = Mazard 222).



Figura 05: Denário de Juba II, com cornucópia no reverso, cunhado em Cesareia (MAA 95 = Mazard 241).

⁹ Spoerri-Butcher, 2015: 35, assinala, com data, a existência de 69 tipos de moedas de prata de Juba II.

¹⁰ Outrora, acreditava-se que este tesouro era advindo de Alkazar El Ksar El Kebir), 70 quilômetros ao sul de Tânger. Por este motivo, ocasionalmente, também é conhecido como o tesouro de El Ksar, como demonstra Spoerri-Butcher, 2015: 34.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 139-161.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15480



Figura 06: Denário de Juba II, com crocodilo no reverso, cunhado em Cesareia (MAA 104 = Mazard 343).



Figura 07: Denário de Juba II, com Cleópatra Selene no reverso, cunhado em Cesareia (MAA 108 = Mazard 361).



Figura 08: Denário de Juba II, com Ptolomeu no reverso, cunhado em Cesarea (MAA 111 = Mazard 379).



Figura 09: Denário de Juba II, com representação da Vitória sobre uma cabeça de elefante no reverso. Ano real 31 (=6/7 d.C.), cunhado em Cesareia (MAA 128 = Mazard -¹¹).

¹¹ Alexandropoulos, 2001: 148, indica que MAA 128 é equivalente a Mazard 196, porém, ainda que efetivamente a imagem de J. Mazard corresponda à descrição de J. Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 139-161.



Figura 10: Denário de Juba II com clava e pele de leão no reverso. Ano real 36 (=11/12 d.C.), cunhado em Cesareia (MAA 152 = Mazard 179).



Figura 11: Denário de Juba II, com imagem equestre no reverso. Ano real 36 (=11/12 d.C.), cunhado em Cesareia (MAA 154 = Mazard 236).



Figura 12: Denário de Juba II, com capricórnio no reverso. Ano real 42 (=17/18 d.C.), cunhado em Cesareia (MAA 171 = Mazard 212).



Figura 13: Denário de Juba II, com touro no reverso. Ano real 42 (=17/18 d.C.), cunhado em Cesareia (MAA 172 = Mazard 226).

Alexandropoulos, J. Mazard salienta que, claramente, a Vitória está representada à esquerda.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 139-161.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15480



Figura 14: Denário de Juba II, com templo dístico no reverso. Ano real 43 (=18/19 d.C.), cunhado em Cesareia (MAA 175 = Mazard 152).



Figura 15: Unidade de bronze, de Cleópatra Selene, com crocodilo no reverso. Cunhada em Cesareia (MAA 214 = Mazard 395).

Dentre as diferentes séries de moedas de prata emitidas por Juba II, é preciso destacar aquelas do subgrupo da Vitória, pertencentes ao já mencionado tema guerreiro (Mazard 196-203, em: Mazard, 1955: 73). Ademais, existe uma série de moedas de bronze (de média unidade, segundo J. Alexandropoulos) com a mesma tipologia (Mazard 280-284, em: Mazard, 1955: 104-106).



Figura 16: Bronzes de Juba II, com a Vitória no reverso, do ano XX [-- (Mazard 287bis)].

A descrição dessas emissões, de acordo com J. Alexandropoulos, é a seguinte:



Figura 17

1) MAA 128 = Mazar - . AR. Denário¹².

Anv.: REX IVBA. Busto diademado e coberto, voltado à direita.

Rev.: R XXXI. Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa, em pé sobre a cabeça de um elefante.



Figura 18

2) MAA - = Mazar 196 corr. AR. Denário (Mazar, 1955: 89)¹³.

Anv.: REX IVBA. Busto diademado, coberto e voltado à direita.

Rev.: R XXXI. Vitória voltada à esquerda, segurando uma palma e uma coroa, em pé sobre a cabeça de um elefante.

3) MAA 129 = Mazar - . AR. Denário (Alexandropoulos, 2001: 418).

Existe?¹⁴

Anv.: REX IVBA. Busto diademado, voltado à direita, com uma clava.

Rev.: R XXXI. Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa, em pé sobre a cabeça de um elefante.

¹² Alexandropoulos, 2001: 418. Spoerri-Butcher, 2015: 48, menciona a existência de cinco cunhos de reverso.

¹³ Spoerri-Butcher, 2015: 49, menciona a existência de um cunho reverso.

¹⁴ Não mencionado por M. Spoerri-Butcher.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 139-161.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15480



Figura 19

- 4) MAA 138 = Mazard 199. AR. Denário (Alexandropoulos, 2001: 418)¹⁵.
 - Anv.: REX IVBA. Busto diademado, voltado à direita, e uma clava¹⁶.
 - Rev.: R XXXII. Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa, em pé sobre a cabeça de um elefante¹⁷.
- 5) MAA 139 = Mazard -. AR. Denário (Alexandropoulos, 2001: 418)¹⁸.
 Anv.: REX IVBA. Cabeça diademada, voltada à direita.
 Rev.: R XXXII. Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa, em pé sobre a cabeça de um elefante.

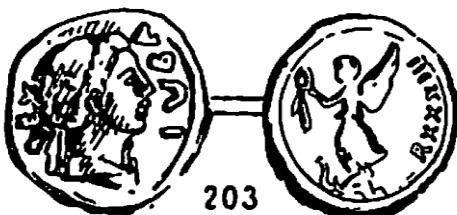


Figura 20

- 6) MAA 178 = Mazard 203. AR. Denário (Alexandropoulos, 2001: 420)¹⁹.
 Anv.: REX IVBA. Cabeça diademada, voltada à direita.
 Rev.: R.XXXXIII. Vitória voltada à esquerda, segurando uma palma e uma coroa, em pé sobre a cabeça de um elefante.

¹⁵ Spoerri-Butcher, 2015: 52, menciona a existência de um cunho reverso.

¹⁶ MAA 179 = Mazard 202, com anverso REX IVBA, busto diademado, voltado à direita, com uma clava e reverso R.XXXXIII não existe, uma vez que Spoerri-Butcher, 2015: 52, o identifica com um exemplar MAA 138 = Mazard 199.

¹⁷ J. Alexandropoulos menciona que a presença de uma coroa sobre a tromba do elefante, o que não pudemos constatar. M. Spoerri-Butcher não menciona tal particularidade.

¹⁸ Spoerri-Butcher, 2015: 52, menciona a existência de oito cunhos de reverso.

¹⁹ Spoerri-Butcher, 2015: 73, menciona a existência de dois cunhos de reverso.

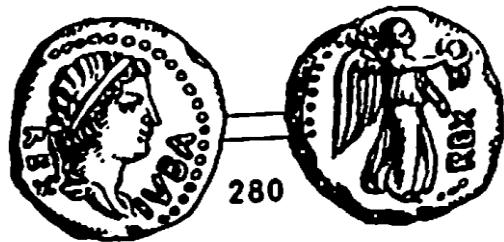


Figura 21

7) MAA 210 = Mazard 280. AE. Unidade Média. 20-22 mm, 6g. (Alexandropoulos, 2001: 422).

Anv.: REX IVBA. Busto diademado, coberto e voltado à direita.

Rev.: REX. Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa.

8) MAA 210 var. = Mazard ⁻²⁰. AE. Unidade Média. Anepigráfico (Alexandropoulos, 2001: 422).

Anv.: Busto diademado e coberto, voltado à direita.

Rev.: Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa.

9) MAA 226 = Mazard 282. AE. Unidade Média. 18-25 mm, 5g. (Alexandropoulos, 2001: 424).

Anv.: REX IVBA. Cabeça diademada, voltada à direita.

Rev.: R XXX (?). Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa.



Figura 22

10) MAA 228 = Mazard 283. AE. Unidade Média (Alexandropoulos, 2001: 425).

Anv.: REX IVBA. Cabeça diademada, voltada à direita.

Rev.: R XXXX. Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa.

²⁰ J. Alexandropoulos também classifica essa variante como Mazard 280, mas, em sua obra, J. Mazard não faz menção a bronzes anepigráficos com esta tipologia.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 139-161.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15480

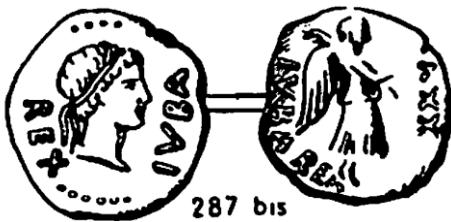


Figura 23

11) MAA 228 var. = Mazard 287 bis. AE. Unidade Média (Alexandropoulos, 2001: 425).

Anv.: REX IVBA. Cabeça diademada, voltada à direita.

Rev.: IVBA REX XXXX. Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa.

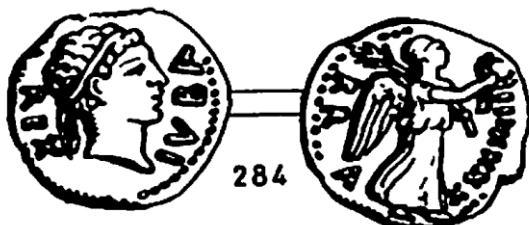


Figura 24

12) MAA 231 = Mazard 284. AE. Unidade Média (Alexandropoulos, 2001: 425).

Anv.: REX IVBA. Cabeça diademada, voltada à direita.

Rev.: RRA XXXIII. Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa.

13) MAA 232 = Mazard 285. AE. Unidade Média. 18-22 mm, 5 g. (Alexandropoulos, 2001: 425).

Anv.: REX IVBA. Cabeça diademada, voltada à direita.

Rev.: REX XXXVI. Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa.

14) MAA 237 = Mazard 288. AE. Unidade Média (Alexandropoulos, 2001: 426).

Anv.: REX IVBA. Cabeça diademada, voltada à direita.

Rev.: RRA XXXVIII. Vitória voltada à direita, segurando uma palma e uma coroa.

À descrição anterior, pode-se acrescentar a seguinte variante tipológica, desconhecida por J. Mazard e J. Alexandropoulos, descrita por M. Spoerri Butcher:



Figura 25

15) MAA - = Mazard -. AR. Denário²¹.

Anv.: REX IVBA. Cabeça diademada, voltada à direita.

Rev.: R(?)A XLVIII. Vitória voltada à esquerda, sentada sobre um globo e segurando uma palma em sua mão.

Pode-se observar, no anverso dessas moedas (exceto a moeda nº15 de nosso repertório), sejam elas de prata ou de bronze²², o retrato do Rei Juba II, o qual se identifica (exceto por um bronze anepigráfico, nº8 de nosso repertório) por meio de uma legenda, em latim, que lhe faz alusão. Em duas ocasiões, ambos denários, a cabeça de Juba II aparece representado junto de uma clava, símbolo inequívoco de Hércules (números 3²³ e 4 apresentados neste artigo) e que se refere a Melkart, divindade púnica a quem considerava seu antepassado mítico (Falbe; Lindberg; Müller, 1862: 118; 120; Gsell, 1927: 155; 1928: 237-238; Coltelloni-Trannoy, 1990: 48-49; 2003: 3931; Smadja, 1994: 378; Alexandropoulos, 2001: 228; Domínguez Monedero: 2017: 67).

No reverso, figura a Vitória voltada à direita (exceto em dois casos, em dois denários, nº2 e nº6 de nosso repertório, em que esta se encontra voltada à esquerda), segurando uma palma e uma coroa, símbolos de vitória, sobre a cabeça de um elefante que, por vezes, é representado portando uma coroa ao final de sua tromba. Exceto por dois casos (nº7 e nº8 de nosso repertório), há uma legenda que informa sobre o ano em que foi realizada a cunhagem;

²¹ Spoerri-Butcher, 2015: 81, menciona a existência de um cunho de reverso. Devido ao baixo peso do único exemplar conhecido desta variante (1,77 g), não é estranho o fato de esta peça ter sido classificada como um quinário.

²² De acordo com o estudo de M. Spoerri Butcher a respeito das moedas de prata datadas do período de Juba II, é possível que alguma das variantes de bronze a que nos referimos não exista, em decorrência de erros na descrição do exemplar correspondente.

²³ Conforme já mencionado, esta variante pode ser inexistente.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 139-161.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15480

em um dos casos (moeda nº11) se repete a legenda que figura no anverso, ainda que com os termos invertidos (IVBA REX no lugar de REX IVBA).

Uma variação tipológica desta interessante série pode ser observada na moeda nº15, cujo reverso apresenta a Vitória sentada sobre um globo e com uma palma em suas mãos. Aqui se apresenta um grande debate. A Vitória sobre a cabeça de um elefante parece sugerir que um triunfo foi alcançado sobre um inimigo africano (o elefante, inequivocamente, é um símbolo referente à África: Falbe; Lindberg; Müller, 1862: 119)²⁴, e consequente domínio sobre este território (Smadja, 1994: 384), ao passo que a Vitória sobre o globo terrestre, o ecumeno, sugere algo muito mais transcendental.



Figura 26: Denário de Juba II (MAA 128 = Mazard -) (Ampliação x 2).

Desta forma, podemos observar que nos denários figuram os anos XXXI (= 6/7 d.C.), XXXII (=7/8 d.C.), XXXIII (=18/19 d.C.) e XLVIII (=23/24 d.C.), ao passo que, nos bronzes, aparecem os anos XXXX (=15/16 d.C.), XXXIII (=18/19 d.C.), XXXVI (=21/22 d.C.) e XXXVIII (=23/24 d.C.): o último ano do reinado de Juba II²⁵. Os anos XXXIII e XXXVIII/XLVIII aparecem tanto nas moedas de prata quanto nas de bronze; portanto, ou houve, neste ano, um acontecimento digno de ser celebrado, ou, simplesmente, ainda serão descobertas emissões até o momento inéditas com a tipologia da Vitória, o que é uma explicação mais plausível se considerarmos que, nos últimos anos, novas variações às séries já conhecidas de Juba têm aparecido em leilões.

²⁴ Coltelloni-Trannoy, 1990: 47: “celle de l'émission maurétanienne se tient debout sur une tête d'éléphant: le monarque se veut, en Afrique, le délégué du princeps à qui il offre un État pacifie”.

²⁵ Desconsidera-se o nº9 de nosso repertório porque possivelmente sua numeração está incompleta.



Figura 27: Nova variante de um denário de Cleópatra Selene, cunhada em Cesareia (MAA - = Mazard -)²⁶.

Desta forma, temos moedas de Juba II com a representação da Vitória, em seu reverso, nos anos XXXI (= 6/7 d.C.), XXXII (=7/8 d.C.), XXXX (=15/16 d.C.), XXXIII (=18/19 d.C.), XXXVI (=21/22 d.C.) e XXXVIII/XLVIII (=23/24 d.C.). Evidentemente, a Vitória, a palma e a coroa, em conjunto, são elementos que denotam um triunfo militar. A pergunta é: contra quem esses êxitos foram logrados no campo de batalha? A resposta parece evidente: os gétulos, que se mostraram muito ativos durante o reinado de Juba II, e que ocasionaram instabilidade na parte meridional da Mauritânia (Coltelloni-Trannoy, 2003: 3927); esta iconografia conecta, de alguma maneira, o monarca à figura de Alexandre, o Magno (Alexandropoulos, 2001: 229).

Em sua época, J. Mazard observou que os denários correspondentes ao ano XXXI (=6/7 d.C.) comemoram a vitória sobre os gétulos (Mazard, 1955: 89; Rachet, 1970: 77-78), ao passo que os datados do ano XXXIII (=18/19 d.C.) seriam sobre o rebelde Tacfarinas (Mazard, 1955: 90)²⁷, o mesmo que o bronze datado do ano XXXVI (=21/22 d.C.; Mazard, 1955: 105; Rachet, 1970: 104-114). Nesse sentido, este mesmo investigador destacou que uma das emissões de denários do subgrupo de ornamentos do triunfo, cujo reverso apresenta um trono sobre o qual se apoia um cetro e, acima, uma coroa, também datada do ano XXXI, celebraria o fato de que Juba II recebeu os ornamentos triunfais depois da vitória alcançada por C. Coso Léntulo (*cos. 1 a.C.*) sobre os gétulos sublevados (=6/7 d.C.) (MAA 125-127 = Mazard 193-195 em: Mazard, 1955: 88; Coltelloni-Trannoy, 2003: 3926, 3928); naturalmente, também foi proposto que tais insígnias foram outorgadas em troca da Getúlia mauritana, que Juba II não chegou a controlar efetivamente (Coltelloni-Trannoy, 2003: 3929).

²⁶ Roma Numismatic Limited, E-Sale 67, lote nº 68, de 6 de Fevereiro de 2020.

²⁷ Rachet, 1970: 96, na nota 1, salienta: "Signalons au passage une erreur de L. Mazard, répétée dans l'index, qui rattache les monnaies de l'an XXII du règne de Juba II (7-8 de J.-C.), nº 133, à la révolte de Tacfarinas".

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 139-161.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15480

Esta não é, precisamente, uma teoria nova. A. Dieudonné já havia argumentado que as moedas com a Vitória emitidas no ano XXXI (= 6/7 d.C.) comemorava uma expedição contra os gétulos (Dieudonné, 1910: 442), assim como as correspondentes aos anos XXXIII (=18/19 d.C.) e XXXVI (=21/22 d.C.; Dieudonné, 1910: 442), ainda que fizessem referência à sublevação de Tacfarinas, *vide infra*. Como se pode observar, o referido estudioso, à época, conhecia apenas parte desta iconografia que reflete apenas três dos seis anos que podemos recompilar.

Muito antes, L. Müller, com estas mesmas informações, indicou que estas peças celebravam triunfo sobre diferentes povos revoltosos (Falbe; Lindberg; Müller, 1862: 15). Em sua opinião, estas emissões viriam a indicar as vitórias que o exército romano, certamente apoiado pelas tropas mauritanas, obteve sobre povos africanos que se rebelaram durante o reinado de Juba II. As datas que conhecemos sobre esses acontecimentos, tanto a partir da numismática quanto das fontes literárias, coincidem umas com as outras, o que assegura uma interpretação correta desta tipologia (Falbe; Lindberg; Müller, 1862: 123).

Desta forma, a Vitória do ano XXXI (= 6/7 d.C.), sem dúvida, faz referência à vitória de Coso Léntulo, procônsul da província *Africa Proconsularis* (6-8 d.C.), lograda contra os gétulos sublevados no ano 6 d.C., o que lhe assegurou o ápodo de *Gaetulicus* e os *ornamenta triumphalia* (Dio Cass. 55, 28, 3-4, Vell. Pat. 2, 116, 2)²⁸. Sem dúvida, Juba II deve ter participado, com as tropas, no êxito romano; daí o reflexo deste evento nas amoedações do monarca (Falbe; Lindberg; Müller, 1862: 112; 123-124; Desanges, 1964: 36; Pavis d'Escurac, 1982: 226 n. 60; 229; Smadja, 1994: 380; Coltelloni-Trannoy, 1997: 49; 2003: 3928; Camacho; Fuentes, 2000: 941; Roller, 2007: 110; Guédon, 2018: 66; Chausa, 2020: 109). Por sua vez, as cunhagens dos anos XXXIII (=18/19 d.C.) e XXXVI (=21/22 d.C.) referem-se à guerra contra Tacfarinas, que aconteceu já no final do reinado de Juba II (Desanges, 1964: 36).

Tacfarinhas alcançou a liderança sobre os musulâmios e iniciou uma guerra contra os romanos, na ocasião contou com o apoio de distintas tribos, entre elas a dos mauros liderada por Mazippa (Tac. Ann. 2, 52), seguramente um rebelde contrário ao monarca mauritano. M. Fúrio Camilo (*cos.* 8 d.C.), governador da *Africa Proconsularis* (17-18 d.C.), conseguiu atrair Tacfarinas a uma batalha de campo aberto (ainda que os revoltosos preferissem um conflito de guerrilhas, mais compatível com seus interesses), tendo-o derrotado e, por esse motivo, obtido os *ornamenta triumphalia* (Tac. Ann 2,

²⁸ Floro localiza o conflito na região de Sirtes (Flor. 2, 31).

52, 5). É este acontecimento que se celebra na emissão da Vitória do ano XXXIII (=18/19 d.C.; Falbe; Lindberg; Müller, 1862: 123; Pavis d'Escurac, 1982: 227; Coltelloni-Trannoy, 1997: 51; Camacho; Fuentes, 2000: 941; Cases Mora, 2019: 52).

Por sua vez, a emissão do ano XXXVI (=21/22 d.C.) possivelmente faz alusão ao conflito com Tacfarinas (Falbe; Lindberg; Müller, 1862: 112; Coltelloni-Trannoy, 1997: 51; Roller, 2007: 111), aos sucessos alcançados contra ele. No ano de 22 d.C. Q. Júnio Bleso (*cos. suff.* 10 d.C.), procônsul da *Africa Proconsularis* (21-23 d.C.), graças ao envio de reforços por parte de Roma, executou uma estratégia que sufocou as iniciativas de Tacfarinas e que levou à captura de seu irmão: uma conquista que significou o fim da guerra e que assegurou a Bleso sua proclamação como *imperator* (a última vez que essa honra foi concedida a uma pessoa de fora da família imperial, segundo Tac. *Ann.* 3. 74), e honras triunfais (Tac. *Ann.* 3, 72). De acordo com M. Rachet, Bleso dividiu teria dividido suas forças em três colunas, às quais outorgou a vigilância de grandes setores: a primeira, sob as ordens de P. Cornélio Cipião, legado da *IX Hispana*, na zona de *Lepcis Magna* (Al Khoms, Líbia), para impedir a pilhagem dos *garamantes*; a segunda, sob a responsabilidade do filho do procônsul, na zona de *Cirta* (Constantina, prov. Constantina, Argélia); a terceira, dirigida pelo próprio Bleso, com a *III Augusta*, na zona de *Ammaedara* (Haïdra, gob. Kasserine, Túnez); já a Mauritânia deve ter recaído sobre Juba II, conforme se pode deduzir do silêncio de Tácito sobre esta localidade (Rachet, 1970: 109-111). Com efeito, o conflito se estendeu até o ano de 24 d.C., quando Tacfarinas sucumbiu. Esta moeda foi cunhada para celebrar o desfecho deste conflito que, sem dúvida, contou com a participação de contingentes mauritanos a favor dos romanos.



Figura 28: Denário de Juba II (MAA 138 = Mazard 199) (Ampliação x 2).

Contudo, como já observado, a representação da Vitória nas cunhagens de Juba II aparece nos anos XXXI (= 6/7 d.C.), XXXII (=7/8 d.C.), XXXX (=15/16 d.C.), XXXIII (=18/19 d.C.), XXXVI (=21/22 d.C.) e

XXXXVIII/XLVIII (=23/24 d.C.). Existe uma boa explicação para as emissões datadas entre os anos XXXI (= 6/7 d.C.), XXXXIII (=18/19 d.C.) e XXXVI (=21/22 d.C.), por isso, ainda teríamos que explicar os anos XXXII (=7/8 d.C.), XXXX (=15/16 d.C.) e XXXXVIII/XLVIII (=23/24 d.C.).

Em geral, J. Desanges considerou que as moedas da Vitória emitidas por Juba II (junto com aquelas dotadas de ornamentos triunfais, *vide supra*) estariam associadas às campanhas de repressão contra os gétulos, opinião que também é sustentada por outros investigadores (Mazard, 1955: 71; Coltelloni-Trannoy, 1997: 53-54; Alexandropoulos, 2001: 16; Coltelloni-Trannoy, 2003: 3928). Segundo Desanges, uma passagem corrupta de Plínio, o Velho (Plin. *NH* 8, 48), fonte de um comentário de Solino (Solin. 27, 15-16), parece fazer referência a uma intervenção militar de Juba II contra os gétulos (Desanges, 1997, 113). Para M. Rachet, tratava-se de uma ocupação e controle (administrativo) do sul da Proconsular, territórios que outrora estavam sob o controle de Juba II²⁹.

Dión Cássio menciona o descontentamento, por parte dos gétulos, em relação ao poder real mauritano e seu protetor romano em relação ao ano 6 d.C., momento em que esta população se rebelou, como já destacado (Dio Cass. 55, 28, 3). Pode-se observar a postura sedicosa dos gétulos em sua participação na revolta de Tacfarinas (Aur. Vic. *De Caes.* 2, 3). Desta forma, a amoedação com a Vitória emitida nos anos XXXII (=7/8 d.C.) e XXXX (=15/16 d.C.) poderia ser explicada com base nos esforços de Juba II para submeter uma população que não aceitava seu governo (Camacho; Fuentes, 2000: 941; Coltelloni-Trannoy, 2003: 3928); a primeira pode estar relacionada com as operações levadas a cabo por Coso Léntulo (Desanges, 1964: 36-37; Coltelloni-Trannoy, 1997: 49; Roller, 2007: 110), ao passo que a segunda talvez se relacione à construção da via *Ammaedara-Capsa-Tacapes*, no ano de 14 d.C. (Desanges, 1964: 38; Coltelloni-Trannoy, 1997: 50; 2003: 3928)³⁰.

No que se refere ao ano XXXXVIII/XLVIII (=23/24 d.C.), seguramente há relação com a guerra contra Tacfarinas (Desanges, 1964: 36; Rachet, 1970: 117-118; Camacho; Fuentes, 2000: 941)³¹, que sucumbiu em 24 d.C., quando

²⁹ Rachet, 1970: 79-80: "Sur ordre du *Princeps*, la IIIe légion Auguste, pendant les années de trêve (6-14), avait occupé, sans doute aux dépends de Juba, les points stratégiques les plus importants des hautes steppes du sud de la Proconsulaire (...) En même temps et dans le même secteur, se déroulaient, ordonnées aussi par Auguste, des opérations de cadastre, corollaire habituel de toute occupation romaine".

³⁰ Roller, 2007: 111, afirma que esta emissão poderia estar relacionada aos distúrbios provocados pela morte do imperador Augusto.

³¹ Sobre o cerco de Tacfarinas a *Tupusuctu* ou *Thubursicum Numidarum*, Coltelloni-Trannoy, 2003: 3928.

Ptolomeu (23-40 d.C.), filho de Juba II, já havia substituído este último no trono da *Mauretania*. Não se sabe com precisão qual foi o envolvimento de Juba nessa campanha pelo fato de desconhecermos o mês exato, do ano de 23 d.C., em que teria se iniciado o conflito. Tampouco se sabe o mês em que ocorreu a morte do monarca. De acordo com Tácito, Juba II ainda estava vivo no ano de 23 d.C., embora atribua o reconhecimento da dignidade real de Ptolomeu, por parte do Senado, para o ano de 24 d.C. (Tac. *Ann.* 4, 5 sobre Juba II e 4, 23-26 sobre Ptolomeu). Sabe-se que o novo procônsul da *Africa Proconsularis* (24 d.C.), P. Cornélio Dolabela (*cos.* 10 d.C.), já estava em sua província no mês de julho do ano de 23 d.C., e que o conflito teria iniciado logo após a sua chegada (Tac. *Ann.* 4, 23); reivindicou a ajuda do novo rei para enfrentar a ameaça representada por Tacfarinas (Tac. *Ann.* 4, 24, 3). É precisamente nesta data, 23/24 d.C., que aparece a figura de Vitória sentada sobre um globo e segurando a palma em sua mão, ou seja, com uma tipologia diferente das amoedações da Vitória de Juba II. Como já mencionado, esta emissão deveria transmitir uma mensagem mais transcendental. É preciso considerar que a rebelião de Tacfarinas foi o movimento de resistência mais importante do mundo indígena africano contra a presença de Roma. Sua derrota significou o controle de Roma sobre o atual Magreb. Com efeito, deve-se recordar deste acontecimento. E a melhor maneira foi por meio da utilização de uma amoedação especial (nº 15 de nosso repertório). Não por acaso, Ptolomeu cunhou moedas de ouro (MAA 240 = Mazard 399) e prata (MAA 258, 266, 278, 286, 295, 302, 313, 321, 330, 335, 343 e 346 = Mazard 440-450) com alusões aos *ornamenta triumphalia* enviados pelo Senado romano por sua participação contra a rebelião de Tacfarinas (Tac. *Ann.* 4, 26; Mazard, 1955: 135; Pavis d'Escurac, 1982: 227 n.60).

Em suma, as moedas tornam explícita a sujeição de Juba II ao poder romano. O papel desempenhado pelo monarca na pacificação dos gétulos seria, para Roma, uma das maiores justificativas para o restabelecimento da *Mauretania* como “estado-cliente”, uma vez que permitia enviar tropas para outros territórios. Ptolomeu, seu filho, continuaria desempenhando este papel geopolítico no extremo ocidente do ecúmeno sob a anuência do imperador Tibério (14-37 d.C.), até o momento em que Calígula (37-41 d.C.) decidiu converter o reino em província³², no ano de 40 d.C.

³² Uma síntese das ideias apresentadas em: Pons, 2021.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 139-161.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15480

Bibliografía

ALEXANDROPOULOS, J. *Les monnaies de l'Afrique Antique 400 av. J.-C.-40 ap. J.-C.* Toulouse: 2001.

AMELA VALVERDE, L. La situación de Mauritania a finales del Segundo Triunvirato e inicios del principado de Augusto. *Gerión* 30, 2012, p. 149-167.

BIFFI, N. *L'Africa di Strabone. Libro XVII della Geografia. Introduzione, traduzione e commento.* Bari: 1999.

BOHN, O. *Qua condicione iuris reges socii populi romani fuerint.* Berlin: 1902.

CAMACHO ROJO, J. M. y FUENTES GONZALEZ, P. P. Iuba (Juba) II de Maurétanie. In: *Dictionnaire des philosophes antiques. III. D'Eccélos à Juvénal.* Paris: 2000, p. 940-954.

CASES MORA, N. La guerra de Tacfarinas (17-24 d.C.): Balance historiográfico y nuevas perspectivas sobre las acusas de su estallido. *SHHA* 37, 2019, p. 31-61.

CHAUSA, A. El rey Iuba II y el concepto de monarquía sagrada en el norte de África. In: *El Norte de África en época romana. Tributum in memoriam Enrique Gozalbes Cravioto.* Madrid-Salamanca: 2020, p. 99-112.

CIMMA, M. R. *Reges socii et amici populi romani.* Milano: 1976.

COLTELLONI-TRANNOY, M. Le monnayage des rois Juba II et Ptolémée de Maurétanie: Image d'une adhésion réitérée à la politique romaine. *Karthago*, 22, 1990, p. 45-55.

COLTELLONI-TRANNOY, M. *Le royaume de Maurétanie sous Juba II et Ptolémée (25 av. J.-C.-40 ap. J.-C.).* Paris: 1997.

COLTELLONI-TRANNOY, M. Juba II. In: *Encyclopédie berbère XXV. Iseqqemâren-Juba.* Aix-en-Provence: 2003, p. 3924-3938.

DESANGES, J. Les territoires gétules de Juba II. *REA* 66, 1964, p. 33-47.

DESANGES, J. Un témoignage masqué sur Juba II et les troubles de Gétulie, *AntAfr.*, 33, 1997, p. 111-113.

DIEUDONNÉ, A. Trouvaille de monnaies de Juba II à El Ksar (Maroc). *RN*, 12, 1908, p. 350-368.

DIEUDONNÉ, A. Trouvaille de monnaies de Juba II à El Ksar (supplément). *RN*, 14, 1910, p. 437-442.

DOMÍNGUEZ MONEDERO, A. J. *Rex Iuba*, monarca e intelectual helenístico, y la Hispania de Augusto. *Gerión*, 35, 2017, p. 61-85.

FALBE, C. T.; LINDBERG, J. Chr. y MÜLLER, L. *Numismatique de l'Ancienne Afrique*. III. Les monnaies de la Numidie et de la Mauritanie. Copenhague: 1862.

GSELL, S. *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*. Tome VI. Les royaumes indigènes. Vie materielle et morale. Paris [Osnabrück]: 1927 [1972].

GSELL, S. *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*. Tome VIII. Jules César et l'Afrique. Fin des royaumes indigènes. Paris [Osnabrück]: 1928 [1972].

GUEDON, St. *La frontière romaine de l'Africa sous le Haut-Empire*. Madrid: 2018.

HUGONIOT, Chr. *Rome en Afrique*: de la chute de Carthage aux débuts de la conquête arabe. Paris: 2000.

IBBA, A. *L'Africa mediterranea in età romana (202 a.C.-442 d.C.)*. Roma: 2012.

JALLET-HUANT, M. *Les rois numides et la conquête de l'Afrique du Nord par les Romains*. Charemont-le-Pont: 2006.

LASSÈRE, J.-M. *Africa, quasi Roma (256 av. J.-C.-711 apr. J.-C.)*. Paris: 2015.

MARAINI, T. Juba de Maurétanie et l'héritage Antique. *Horizons Maghrébins*, 39, 1999, p. 43-61.

MAZARD, J. *Corpus Nummorum Numidiae Mauretanicae*. Paris: 1955.

MEYNIER, G. *L'Algérie des origines*. De la préhistoire à l'avènement de l'Islam. Paris: 2010.

PAVIS D'ESCURAC, H. Les méthodes de l'impérialisme romain en Maurétanie de 33 avant J.-C. à 40 après J.-C. *Ktèma*, 7, 1982, p. 221-233.

PONS PUJOL, Ll. *Luxuria Mauretaniae. ¿La explotación de los productos de lujo como causa de la conquista?* AFAM, 11, 2021, p. 25-46.

RACHET, M. *Rome et les berbères. Un problème militaire d'Auguste à Dioclétien*. Bruxelles: 1970.

ROLLER, D. W. *The World of Juba II and Kleopatra Selene*. Royal Scholarship on Rome's African frontier. New York-Leiden: 2003.

SIRAGO, V. A. Il contributo di Giuba II alla conoscenza dell'Africa. In: *L'Africa romana*. Atti del XI Convegno di studio, Carthagin, 15-18 dicembre 1994. Sassari: 1996, p. 303-317.

SMADJA E. Juba II, Hercule sur le monnayage maurétanien. In: *Mélanges Pierre Lévêque*. Tome 8: Religion, anthropologie et société. Besançon: 1994, p. 371-388.

SPOERRI BUTCHER, M. Le monnayage d'argent émis par le roi Juba II de Maurétanie (I): catalogue des monnaies datées. *RSN*, 94, 2015, p. 33-114.